

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA
ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL IRMÃ AGOSTINA
CURSO TÉCNICO EM NUTRIÇÃO E DIETÉTICA

AVALIAÇÃO DA OFERTA E CONSUMO DE ALIMENTOS
ULTRAPROCESSADOS EM CRIANÇAS ENTRE 6 E 24 MESES

Evaluation of the supply and consumption of ultra-processed foods in children aged
6 to 24 months

CALIXTO, Samira*; JUNIOR, Cláudio dos Santos; MENEZES, Larissa Paixão de;
PEREIRA, Yasmin Ribeiro; QUEIROZ, Maria Eduarda Thomaz de; SILVA, Mariana
Oliveira da; SOUZA, Lília Figueiredo de

Orientador: REIS, Henrique Nogueira**

Resumo: Essa pesquisa busca analisar o consumo de alimentos ultraprocessados em crianças e investigar as questões que intensificam esse padrão de comportamento. Para tanto, realizou-se um formulário digital para responsáveis por crianças entre 6 a 24 meses com intuito de coletar e avaliar dados demográficos, socioeconômicos e comportamentais acerca do consumo de alimentos ultraprocessados. Os resultados demonstraram que entre 25 crianças, 80% consumiram alimentos ultraprocessados precocemente. Os alimentos mais ofertados pelos responsáveis foram o iogurte tipo petit suisse, o biscoito e o achocolatado. Sendo assim, foi revelado o consumo de alimentos ultraprocessados precocemente em crianças menores de dois anos. Esses resultados são alarmantes, pois o consumo desses produtos podem aumentar os riscos de obesidade e enfermidades crônicas. Alguns fatores que podem estimular o consumo desses produtos são o marketing agressivo e a hiperpalatabilidade que estimulam o consumo desses alimentos. Sugere-se, o desenvolvimento de mais estudos e políticas públicas voltados à prevenção do consumo de alimentos ultraprocessados em crianças.

Palavras-chave: Alimentos Ultraprocessados, Nutrição infantil, Introdução alimentar.

Abstract: This research aims to analyze the consumption of ultra-processed foods in children and investigate the issues that intensify this pattern of behavior. To this end, a digital form was sent to the guardians of children aged between 6 and 24 months in order to collect and evaluate demographic, socioeconomic and behavioral data on the consumption of ultra-processed foods. The results showed that 80% of the 25 children consumed ultra-processed foods at an early age. The foods most often offered by guardians were petit suisse yogurt, cookies and chocolate milk. This revealed the early

*Discente do curso Técnico em Nutrição e Dietética na Etec Irmã Agostina – samira.calixto@etec.sp.gov.br

**Docente do curso Técnico em Nutrição e Dietética na Etec Irmã Agostina - henrique.reis32@etec.sp.gov.

consumption of ultra-processed foods by children under two years old. These results are alarming, as the consumption of these products can increase the risk of obesity and chronic diseases. Some factors that may encourage consumption of these products are aggressive marketing and hyperpalatability. Further studies and public policies aimed at preventing the consumption of ultra-processed foods in children are suggested.

Keywords: Ultra-processed foods, Child nutrition, Food introduction.

1 INTRODUÇÃO

A alimentação adequada durante os primeiros anos da vida de um indivíduo é fundamental para o seu crescimento saudável, pois os hábitos adquiridos nesse período impactam a fase adulta (Cainelli et al, 2021). Assim, com o intuito de garantir a segurança alimentar das crianças, o Ministério da Saúde criou o Guia Alimentar para Crianças Brasileiras Menores de 2 anos, que recomenda a amamentação exclusiva até os 6 meses e a partir desse período é possível iniciar a introdução alimentar com produtos in natura ou minimamente processados (Brasil, 2019).

Diante disso, recomenda-se evitar o consumo de produtos ultraprocessados por crianças menores de dois anos, devido à sua alta densidade calórica, as quantidades desequilibradas de açúcares livres, sódio, gorduras totais e saturadas, além de menor proporção de proteínas e fibras em comparação com os alimentos in natura ou minimamente processados (Lopes et al, 2020).

Ademais, o consumo de alimentos desbalanceados nutricionalmente por crianças podem estimular o desenvolvimento de carências nutricionais, crescimento inadequado, obesidade, e enfermidades crônicas não transmissíveis (Oliveira & Oliveira, 2020). De acordo com um estudo recente envolvendo 300 pares de mães e crianças de 4 a 23 meses de idade, constatou-se que 56,5% das crianças consumiam alimentos ultraprocessados (Giesta et al, 2019). Sendo assim, o consumo desses produtos alimentícios perante esse público é uma séria problemática por ser um período delicado e decisivo na saúde e reprodução cultural de costumes alimentares.

Diversos fatores contribuem para o consumo de alimentos altamente processados, incluindo maior durabilidade, imensa praticidade, custo favorável, hiperpalatabilidade, marketing agressivo, fragilização educacional das mães ou responsáveis que oferecem esses alimentos para as crianças, situação socioeconômica, aspectos culturais dos responsáveis e até mesmo questões geográficas (Giesta et al, 2019).

Portanto, o objetivo da presente pesquisa é analisar o consumo de alimentos ultraprocessados (AUP) em crianças entre 6 a 24 meses e investigar as questões que intensificam esse padrão de comportamento.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de campo quantitativo e qualitativo, o qual engloba crianças entre 6 a 24 meses em período de introdução alimentar entre abril a maio/2024. A coleta de dados foi feita por meio de um formulário digital preenchido pelo Google Forms para cuidadores de crianças de diferentes localidades do Brasil, os quais utilizam mídias sociais. Os critérios de inclusão foram responsáveis por indivíduos entre 6 e 24 meses, maiores de idade, moradores do Brasil, independentemente do sexo. Foram excluídos indivíduos que apresentam comorbidades que necessitem de uma dieta modificada e específica, como por exemplo diabetes, doença celíaca e fenilcetonúria.

A elaboração do questionário foi fundamentada e adaptada do instrumento de Meneghim et al (2007) e Giesta et al (2019) para a coleta de dados socioeconômicos. Por outro lado, a prevalência dos alimentos ultraprocessados foi adaptada do questionário de Colucci, Philippi e Slater (2004).

Os dados que foram coletados estão relacionados às características dos responsáveis e das crianças. A respeito das informações dos responsáveis, foram consideradas renda, idade, escolaridade, situação de emprego e orientação prévia sobre alimentação complementar. Por outro lado, em relação às crianças, foram coletados dados referentes à idade, acesso à Internet, alimentos ultraprocessados mais consumidos e também se recebeu aleitamento materno.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram deste estudo 25 crianças entre 6 meses e 2 anos. Entre os participantes do estudo verifica-se que 44% possuíam idade entre 1 ano e 6 meses até 2 anos e 20% estavam com idade entre 1 ano a 1 ano e 6 meses. A respeito dos responsáveis, 64% tinham entre 26 e 44 anos e 4% tinham 27 anos ou menos. A tabela 1 mostra os principais dados dos participantes do ponto de vista socioeconômico.

Escolaridade do responsável	n	%
Ensino médio incompleto	1	4
Ensino médio completo	6	24
Ensino superior	17	68
Analfabeto/Nenhuma das opções	1	4
Idade do responsável		
Entre 18 e 25 anos	5	20
Entre 26 e 44 anos	17	68
45 anos ou mais	3	12
Renda do responsável pela alimentação da criança em salários mínimos		
Até 1,5 salários mínimos	9	36
Até 1,5 a 3 salários mínimos	8	32
Acima de 3 salários mínimos	8	32
O responsável da criança trabalha fora do lar?		
Sim	7	28
Não	18	72

Tabela 1: Características socioeconômicas e demográficas dos responsáveis e crianças entre 6 meses a dois anos de idade. São Paulo, 2024.

Em relação a renda dos responsáveis pela alimentação da criança em salários mínimos (considerando o salário mínimo de R\$1412,00) (Brasil, 2023), dentre os participantes, 36% obtêm renda de até 1,5 salários mínimos, 32% de mais de 3 salários mínimos e 28% renda de 1,5 a 3 salários mínimos. O presente estudo não verificou relação direta entre renda e consumo de produtos ultraprocessados, pois a oferta desses produtos alimentícios foi percebida em indivíduos de diferentes rendas. O estudo de Soares et al (2022), o qual analisou o consumo de ultraprocessados entre mães e crianças menores de dois anos no município de Viçosa, MG também não encontrou relação direta entre a renda e prevalência de AUP na dieta das crianças, isso pode estar relacionado a presença do consumo de AUP em diferentes contextos econômicos.

Entre as crianças analisadas, 80% possuíam acesso à TV e à Internet. Um dos principais fatores que incentivam a presença de alimentos ultraprocessados na dieta dos brasileiros e, conseqüentemente, nas refeições das crianças é o marketing, que dissemina informações ilusórias sobre seus produtos, induzindo a família e a própria criança a consumirem esses alimentos de baixo valor nutricional. Pesquisas feitas no Brasil sustentam essa afirmação, indicando que a constante exposição a

anúncios de alimentos ultraprocessados está ligada a um aumento no consumo desses produtos por crianças (Dallazen, 2024).

Um estudo realizado por Spaniol et al (2014) sobre a influência da publicidade de alimentos sobre a escolha alimentar de crianças e adolescentes de escolas públicas do Distrito Federal destaca que políticas públicas voltadas para a regulamentação da publicidade de alimentos dirigida ao público infantil são essenciais para promover hábitos alimentares saudáveis. Salvatti et al (2023), infere que o impacto do marketing na seleção alimentar desempenha um papel significativo no aumento da prevalência de obesidade e outras doenças relacionadas à alimentação incorreta. No Guia Alimentar Para Crianças Brasileiras Menores de 2 anos, acerca da exposição massiva à propaganda de alimentos, recomenda-se que crianças menores de 2 anos não tenham acesso a TV, tablet e celular, pois a divulgação de alimentos, em sua maioria de ultraprocessados, estão presentes nesses meios (Brasil, 2019). Esses dados reforçam a necessidade de estratégias educativas e regulatórias para impedir os efeitos negativos do marketing de alimentos ultraprocessados sobre a saúde das crianças.

Em relação aos responsáveis, a maioria (68%) possui o ensino superior, precedidos de 24% que possuem o ensino médio completo. O estudo de Coelho et al (2022) realizado em Palmas, TO observou o aumento da oferta de alimentos ultraprocessados para crianças menores de dois anos por responsáveis que detinham o ensino fundamental completo, ou o ensino médio incompleto. Entretanto, esta pesquisa não constatou uma relação direta entre baixa escolaridade e oferta de alimentos ultraprocessados para crianças, pois foi percebido consumo desses produtos alimentícios por crianças que possuem responsáveis com ensino superior completo.

Os resultados indicam que 72% dos responsáveis pelas crianças trabalhavam fora do lar. O âmbito familiar e social tem uma forte interferência na construção dos hábitos alimentares infantis, onde ao depender de seus costumes e comportamentos, podem prejudicar a saúde alimentar de seus filhos ou crianças por quem são responsáveis (Oliveira et al, 2019).

A pesquisa revelou que 92% dos responsáveis possuíam orientação sobre alimentação complementar, no entanto, também foi observado a oferta precoce de AUP entre esse grupo. O estudo de Giesta et al (2019) considerou algumas razões para essa não aderência às orientações, entre elas a fragilização

no conhecimento a respeito da temática pelos profissionais na área da saúde; comunicação ineficiente entre o orientador e o responsável; diferenças nas preferências pessoais do responsável em relação às indicações de dietas complementares da criança e; a perspectiva do responsável de que hábitos alimentares na infância não causam grandes impactos na saúde do indivíduo.

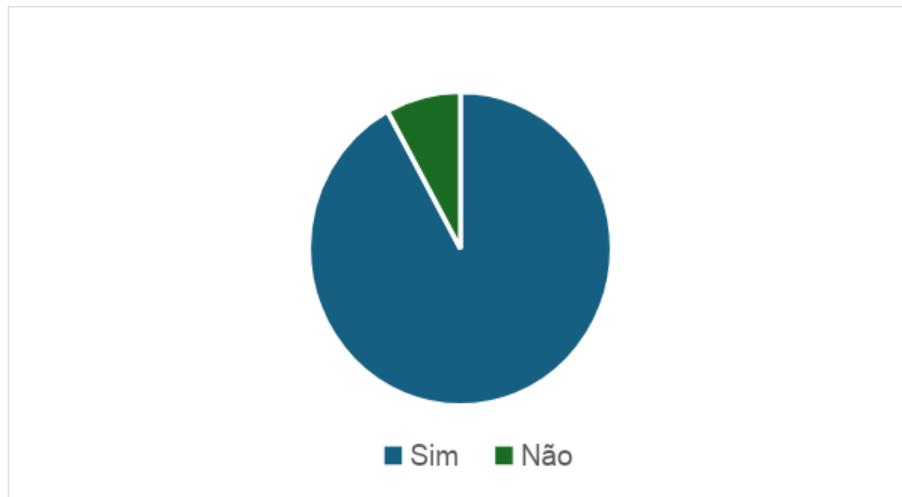


Gráfico 1: Orientação sobre alimentação complementar entre responsáveis por crianças entre 6 a 24 meses. São Paulo, 2024.

Acerca da amamentação exclusiva, 48% das crianças participantes, são amamentadas no peito, 44% pararam de ser amamentadas depois dos 6 meses e 8% pararam de ser amamentadas no peito antes dos 6 meses. Segundo o Departamento Científico de Aleitamento Materno da Sociedade Brasileira de Pediatria, a prática do aleitamento materno exclusivo deve se estender até os 6 meses,

O estudo de Candido et al, (2021) encontrou relação entre baixas taxas de aleitamento materno e o aumento do consumo de fórmulas infantis.

A ingestão de alimentos ultraprocessados em crianças entre 6 meses a 2 anos foi constatada em 80% das crianças. Em paralelo, o estudo de Lopes et al (2020), revelou que 74,3% das crianças consumiam esse tipo de alimento, o que indica uma proporção semelhante à apurada entre os participantes da presente pesquisa. Os alimentos mais oferecidos às crianças de até 2 anos de idade com a métrica de mais de 1 vez na semana foram: biscoito, queijo tipo petit suisse e achocolatado. Em paralelo a isso, 92% dos participantes informaram que macarrão instantâneo nunca foi ingerido pelas crianças, seguido de papinhas prontas, com 76%. Por outro lado, Perez et al. (2024), demonstram que o não consumo de

macarrão instantâneo e papinhas prontas foram, respectivamente, 20,60% e 22,10%. Em contraste com o consumo desses alimentos por crianças menores de dois anos percebido nesse estudo, o Ministério da Saúde orienta evitar o consumo de guloseimas, achocolatado, biscoitos, iogurte tipo petit suisse, embutidos, bebidas açucaradas ou gaseificadas, salgadinhos entre outros alimentos ultraprocessados (Brasil, 2019).

No gráfico 2, são demonstradas as relações de consumo dos alimentos ultraprocessados, seus tipos e a idade da criança.

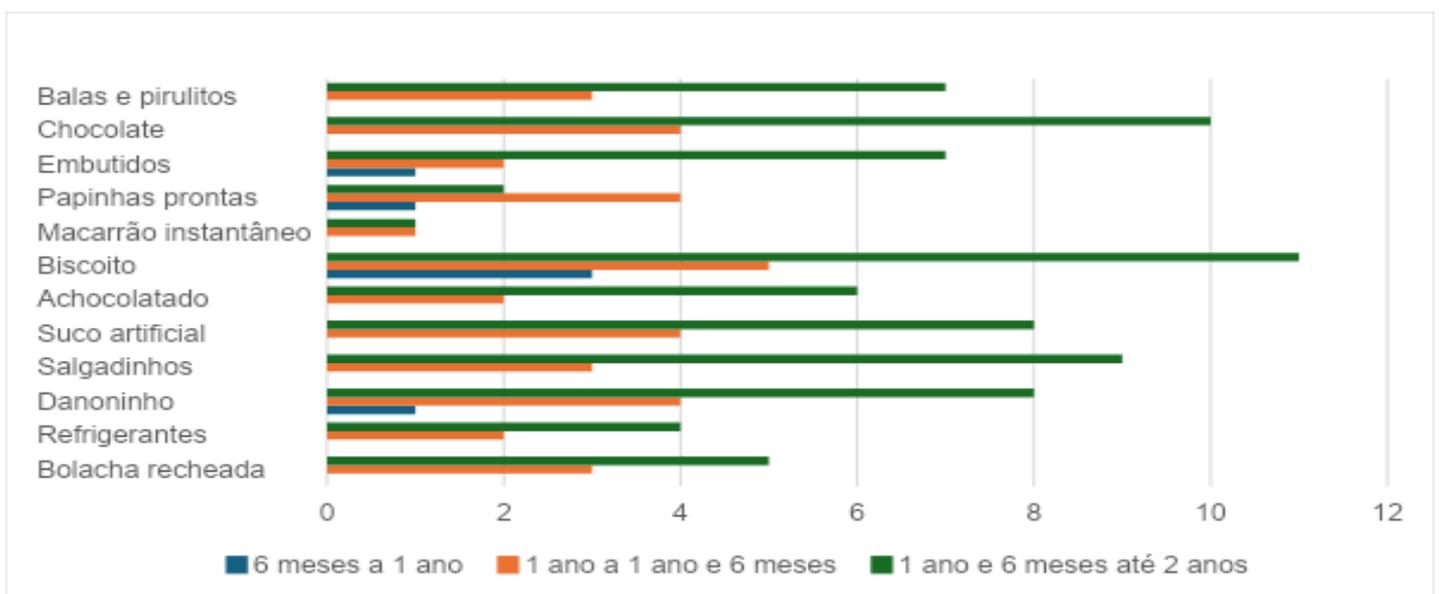


Gráfico 2: Relação do consumo de alimentos ultraprocessados e a idade das crianças. São Paulo, 2024.

O estudo apontou que cerca 52% das crianças consumiram chocolates e 40% balas e pirulitos. Silva et al (2023) constatou em seu estudo que 42,9% das crianças consumiam balas, chicletes, pirulitos, chocolates e apontou que esses doces podem ser oferecidos às crianças desde cedo, por fatores diversos, como o consumo dos mesmos doces pelos pais, acesso a compra; exposição a propagandas ou prática cultural de recompensar bom comportamento das crianças. Tais alimentos ultraprocessados possuem alta densidade calórica, alta carga de glicose, elevados níveis de gorduras saturadas e hidrogenadas, além de aditivos químicos, como corantes e aromatizantes, e impactam de forma negativa o desenvolvimento infantil.

A presente pesquisa revelou que 40% das crianças consumiram embutidos antes dos dois anos de idade. O consumo de produtos de origem animal está presente na sociedade brasileira desde sua origem, ao decorrer dos séculos o consumo se

manteve, no entanto abrimos as portas para a indústria de alimentos que vem moldando nossos hábitos alimentares, trocando os alimentos in natura por alimentos ultraprocessados (Santos e Lourival, 2019). Os produtos de origem animal, especialmente a carne, vem sendo substituídos por embutidos que são produtos elaborados com carnes e outros tecidos, temperados ou não, cozidos ou não, embutidos em tecido animal como tripas e bexigas (Brasil, 1970).

Os embutidos têm maior durabilidade devido ao excesso de aditivos alimentares em sua composição, os principais são nitratos e nitritos que possuem muita eficiência em retardar a oxidação dos produtos, aumentando seu tempo de prateleira. As consequências do consumo de embutidos com frequência são negativas, pois contribuem para o desenvolvimento da hipertensão devido ao excesso de sal, a domesticação do paladar pela indústria, a indução ao consumo de mais AUP, e ao desenvolvimento de câncer de intestino devido aos nitratos e nitritos substâncias que já são comprovadamente cancerígenas (Santos e Lourival, 2019).

Um das maiores problemáticas envolvendo o consumo de AUP entre crianças de seis meses a dois anos são as propagandas, como já mencionado. A partir delas os pais e crianças constroem um fetiche pela mercadoria criando a necessidade de obtenção do produto e acreditando que ele tem propriedades nutricionais balanceadas e adequadas para crianças. O “Danoninho Petit Suisse” (queijo petit suisse) é um dos produtos que, ao longo das décadas, mais abusou das propagandas para transmitir a ideia de ser um bom alimento para as crianças, no entanto, ele possui uma quantidade muito alta de açúcares e outros aditivos como corantes, aromatizantes que são prejudiciais a saúde das crianças e sua alta palatabilidade transforma os hábitos de consumo para um padrão mais "industrializado" de paladar (Rodrigues, 2020).

O “Danoninho” em certo momento recorreu a uma propaganda em que dizia que uma unidade do produto equivale a uma porção de carne, utilizaram o slogan "*Danoninho vale por um bifinho*" para trazer a ideia de que ele é um produto muito saudável se comparando a proteínas de alto valor biológico e outras propriedades nutricionais da carne de origem animal que não estão presentes neste tipo de alimento (Rodrigues, 2020). Assim, é possível perceber que essa estratégia foi eficaz, visto que 53% das crianças entrevistadas consomem queijo petit suisse, provavelmente porque o consideram um alimento saudável.

Os resultados obtidos neste estudo revelaram que cerca de 48% das crianças consumiam suco artificial. Um resultado semelhante foi observado no estudo de Toloni et al (2011) realizado no município de São Paulo, SP no qual a introdução de sucos artificiais ocorreram em 63,6% dos casos, na mesma faixa etária da presente pesquisa. O Guia Alimentar para Crianças Menores de Dois Anos recomenda que os responsáveis pelas crianças incentivem e ofereçam frequentemente água para as crianças, entre as refeições, ainda que eles não peçam e adverte que habituar a criança a ingerir bebidas açucaradas aumenta a chance da criança apresentar excesso de peso, cárie dentária e pode desestimular o consumo de água (Brasil, 2019).

O estudo realizado por Silveira, Neves e Pinho (2018) com o objetivo de avaliar a alimentação das crianças matriculadas em creches públicas no município de Montes Claros, MG, encontrou elevado consumo de bebidas açucaradas, como refrigerantes e sucos em pó reconstituídos. De acordo com Lopes et al, (2019), o consumo de sucos preparados ou em pó é contraindicado para crianças durante o primeiro ano de vida, em razão da presença de aditivos alimentares, como a tartrazina, que está associada a reações alérgicas

Cerca de 48% das crianças participantes desta pesquisa, consumiam salgadinhos. É importante ressaltar que os salgadinhos apresentam altos teores de gorduras, sal e açúcares, além de corantes e diversos tipos de conservantes e outros aditivos alimentares. A ingestão contínua e excessiva pode definir e intensificar hábitos alimentares inadequados que perduram da adolescência até a idade adulta, contribuindo para a obesidade infantil e surgimento cada vez mais precoce das doenças cardiovasculares, doenças respiratórias, diabetes mellitus e

Os biscoitos e bolachas possuem aditivos que aguçam a palatabilidade, devido ao excesso de gorduras, gorduras trans, açúcares, corantes e aditivos (Fontes, 2020). Todavia, os resultados obtidos neste estudo revelaram que 32% das crianças consomem bolacha recheadas e 76% consomem biscoitos.

Mundialmente o excesso de peso em crianças e o consumo de AUP de alto valor calórico e baixo valor nutricional, é de extrema importância e relevância, visto que crianças se tornam vulneráveis quando expostas a propagandas e a influência do marketing encontrados na mídia, internet entre outros, como também nas embalagens dos produtos destinados a eles. Os consumos exagerados das gorduras contidas nesses produtos causam obesidade, as gorduras saturadas contribuem para

processos de doenças cardiovasculares a longo prazo e a curto prazo, altera o perfil de lipoproteínas em crianças causando o aumento do colesterol total e da fração LDL (Fontes, 2020).

Além disso, a qualidade dos ingredientes utilizados na fabricação desses biscoitos e bolachas industrializados como os óleos, açúcares e amidos são questionáveis, visto que na maioria são ingredientes baratos para que tais produtos sejam altamente lucrativos (Fontes, 2020).

O Guia alimentar para a População Brasileira defende a promoção da alimentação saudável com base em alimentos, destacando que a alimentação é mais do que ingestão de nutrientes. Excesso de carboidratos, proteínas, gorduras totais e saturadas, sódio e fibras são causadores de malefícios à saúde (Brasil, 2019). No entanto, os rótulos desses alimentos declaram somente sobre nutrientes e suas alegações de saúde, não valorizando o grau de processamento do produto ou a quantidade de corantes e aditivos (Fontes, 2020).

Dentre os motivos para a indústria produzir alimentos ultraprocessados estão a maior palatabilidade, devido ao excesso de gordura, além de outros aditivos e principalmente relacionados à durabilidade. Os alimentos que possuem uma alta palatabilidade, podem ser classificados como alimentos ultraprocessados. Eles em sua maioria, são fabricados dentro da indústria alimentícia a partir de diversos processos de formulações, como embalagens à vácuo, a fim de preservar as características físicas e sensoriais dos produtos e ingredientes, tendo pouca ou nenhuma participação dos alimentos in natura, tornando-se práticos, acessíveis e altamente disponíveis para diversas situações do cotidiano (Monteiro et al, 2019). É importante ressaltar, que nem todo alimento ultraprocessado é hiperpalatável. Essa definição carece de especificidade quanto aos mecanismos (em ingredientes) que podem impulsionar a palatabilidade (Fazzino et al, 2019).

Segundo o estudo de Silva (2023), os alimentos hiperpalatáveis contribuem para a ativação do sistema dopaminérgico, relacionando-se a motivação (desejo) de consumi-los, devido ao seu maior grau de palatabilidade, favorecendo o condicionamento e reforço a estes alimentos.

Outro fator importante que tem relação com a hiperpalatabilidade é o marketing agressivo, envolvido com a promoção dos AUP e a sua hiperpalatabilidade que os tornam mais atrativos que os alimentos in natura. A combinação de ingredientes como

açúcares e gorduras, algo incomum de ocorrer naturalmente, torna os AUP extremamente atrativos e mais prazerosos ao paladar humano (Silva, 2023).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que foi identificado o consumo de alimentos ultraprocessados de modo precoce em crianças entre 6 meses a 2 anos. Esses resultados são preocupantes, pois o consumo precoce desses produtos pode aumentar o risco do desenvolvimento de enfermidades crônicas não transmissíveis como a obesidade e diabetes. Além disso, o consumo precoce desses alimentos pode levar à formação de hábitos alimentares que não são saudáveis.

Esse resultado traz à luz o quadro atual de hábitos alimentares deste público e conseqüentemente o que seus responsáveis consideram ser alimentos adequados para as crianças. É notório que o conceito de alimentos indicados para as crianças é influenciado diretamente pela indústria de alimentos, que através do marketing estratégico e produção de produtos hiperpalatáveis busca promover o consumo de alimentos ultraprocessados em massa. As estratégias de marketing visam despertar desejo de consumo pelos responsáveis e também os estimula a acreditar que o consumo dos alimentos propagados não apresentam malefícios para as crianças. Além disso, os AUP são produzidos com o intuito de serem extremamente saborosos e atrativos, o que intensifica a necessidade de consumo pela sensação de prazer.

Portanto, recomenda-se a condução de mais estudos e políticas públicas que visem evitar o consumo precoce de AUP em crianças menores de 2 anos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Secretaria Especial para Assuntos Jurídicos. Decreto nº 11.864, de 27 de dezembro de 2023. **Lex:** Diário Oficial da União, Brasília, 27 dez. 2023.. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/D11864.htm. Acesso em: 23 de mai. 2024.

BRASIL. Estado de São Paulo. Decreto n. 52.504, de 28 de julho de 1970. Aprova Normas Técnicas Especiais Relativas a Alimentos e Bebidas. **Lex:**Diário Oficial [do Estado de São Paulo], São Paulo, 28 jul. 1970. Disponível

em:<https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/223538/decreto-52504-70>. Acesso em: 6 jun. 2024.

BRASIL. **Guia alimentar para crianças brasileiras menores de 2 anos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2019. 265 p. ISBN 978-85-334-2737-2.

CAINELLI, Eveline Costa; GONDINHO, Brunna Verna Castro; PALACIO, Danielle da Costa; OLIVEIRA, Daniele Boina de; REIS, Roberta Andrade; CORTELLAZZI, Karine Laura; GUERRA, Luciane Miranda; CAVALCANTE, Denise de Fátima Barros; PEREIRA, Antonio Carlos; BULGARELI, Jaqueline Vilela. Ultra-processed foods consumption among children and associated socioeconomic and demographic factors. **einstein (São Paulo)**, São Paulo, v. 19, eAO5554, Ago. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.31744/einstein_journal/2021AO5554. Acesso em: 20 mar. 2024.

CÂNDIDO, Flávia Galvão et al. aleitamento materno versus distribuição gratuita de fórmulas infantis pelo sistema único de saúde. **einstein (São Paulo)**, São Paulo, v. 19, eAO6451, Nov. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.31744/einstein_journal/2021AO6451. Acesso em: 22 mai. 202

COELHO, Ivana Brito Barros; BRITO, Fernanda Lima de; NOLÊTO, Fernanda Carneiro Marinho; GRATÃO, Lucia Helena de Almeida. Avaliação do consumo alimentar de crianças menores de dois anos no município de Palmas – TO. **Revista Cereus**, [S.L.], v. 14, n. 2, p. 61-71, jul. 2022. Disponível em: <https://ojs.unirg.edu.br/index.php/1/article/view/3695>. Acesso em: 21 maio 2024.

COLUCCI, Ana Carolina Almada; PHILIPPI, Sonia Tucunduva; SLATER, Betzabeth. Desenvolvimento de um questionário de frequência alimentar para avaliação do consumo alimentar de crianças de 2 a 5 anos de idade. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, [S.L.], v. 7, n. 4, p. 393-401, dez. 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1415-790x2004000400003>. Acesso em: 04 abr. 2024.

DALLAZEN, C.; SANTOS, K. . Alegações nutricionais e estratégias de marketing em rótulos de alimentos ultraprocessados dirigidos ao público infantil. **Peer Review**, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 69–80, fev. 2024. Disponível em: <https://peerw.org/index.php/journals/article/view/1794>. Acesso em: 18 maio. 2024.

FAZZINO, Tera L.; ROHDE, Kaitlyn; SULLIVAN, Debra K. . Hyper-Palatable Foods: development of a quantitative definition and application to the us food system database. **Pub med**, [S.L.], v. 27, n. 11, p. 1761-1768, nov. 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31689013/>. Acesso em: 22 maio 2024.

FONTES, Vanessa Sequeira; NEVES, Felipe Silva; FEITOSA, Jéssica Carolina Assis; BINOTI, Mirella Lima. Avaliação da rotulagem nutricional de biscoitos recheados com apelo infantil. **Revista de Aps**, [S.L.], v. 23, n. 2, p. 287-300, 23 jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/25603>. Acesso em: 30 maio 2024.

GIESTA, Juliana Mariante; ZOCHE, Ester; CORRÊA, Rafaela da Silveira; BOSA, Vera Lucia. Fatores associados à introdução de alimentos ultraprocessados na alimentação de crianças menores de dois anos. **Revista Ciência Saúde Coletiva** [Periódico na internet], v. 24, n. 7, jul. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018247.24162017>. Acesso em 20 mar. 2024.

LOPES, Wanessa Casteluber; PINHO, Lucinéia de; CALDEIRA, Antônio Prates; LESSA, Angelina do Carmo. Consumo de Alimentos Ultraprocessados por Crianças Menores de 24 Meses de Idade e Fatores Associados. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 164-170, fev. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2020/38/2018277>. Acesso em: 20 mar. 2024.

MENEGHIM, Marcelo de Castro; KOZLOWSKI, Fábio Carlos; PEREIRA, Antonio Carlos; AMBROSANO, Gláucia Maria Bovi; MENEGHIM, Zuleica M. de A. Pedroso. Classificação socioeconômica e sua discussão em relação à prevalência de cárie e fluorose dentária. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 12, n. 2, p. 523-529, abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/wb5sG6dz6t9tWfH5wKnQD9Q/?lang=pt> . Acesso em: 04 abr. 2024.

OLIVEIRA, Albanita de Maria; OLIVEIRA, Daiany Steffany da Silva. Influência parental na formação de hábitos alimentares na primeira infância – revisão da literatura. **Revista Eletrônica da Estácio Recife**, [S. I.], v. 5, n. 2, 2020. Disponível em: <https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/view/322>. Acesso em: 20 mar. 2024.

PEREZ, Patrícia; GONÇALVES, Bárbara Rocha; AGUIAR, Anna Luísa Gonçalves; VASCONCELOS, Beatriz Ferreira; CARVALHO, Gabriela Peixoto; FERREIRA, Letícia Queiroz; TAVARES, Ricardo Silva; PACHECO, Lucivânia Marques. Análise da prevalência de consumo de alimentos ultraprocessados entre crianças de 6 a 24 meses atendidas em um município de Goiás. **Scientific Electronic Archives**, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 78-84, 11 dez. 2023. Scientific Electronic Archives. <http://dx.doi.org/10.36560/17120241844>. acesso em:19 mai. 2024.

RODRIGUES, Cássio Monteiro. "Danoninho" vale por um bifinho? O desenvolvimento saudável da criança por meio da concretização do direito à educação alimentar infantil. **Revista de Direito Privado**, [S. I.], v. 103, n. 1, p. 267-297, Jan-Fev, 2020. Disponível em: <https://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:redes.virtual.bibliotecas:artigo.revista:2020;1001172034>. Acesso em: 20 maio 2024.

SALVATTI, A. C. C.; RIBEIRO, N. de L. .; SILVA, L. da C. B. da .; TOMAZONI, E. I. .; SILVA, P. F. G. da .; FUHR, A. L. . Influência do marketing na alimentação infantil com associação na obesidade. **Revista Remecs - Revista Multidisciplinar de Estudos Científicos em Saúde**, [S. I.], n. 2, p. 113, 2023. Disponível em: <https://www.revistaremeccs.com.br/index.php/remecs/article/view/1279>. Acesso em: 19 maio. 2024.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos; LOURIVAL, Natália Brandão dos Santos. Consumo de compostos químicos oriundos de embutidos e sua correlação com o desenvolvimento do câncer: uma revisão. **Revista Terra & Cultura**, [S. l.], v. 34, n. 67, p. 73-83, Jul. 2019. Disponível em: <https://www.uece.br/wp-content/uploads/sites/82/2021/07/Consumo-de-embutidos-x-C%C3%A2ncer.pdf>. Acesso em: 20 maio 2024.

SILVA, Cassiano Silva da. **EFEITO DOS ALIMENTOS HIPERPALATÁVEIS NO SISTEMA DOPAMINÉRGICO**. 2023. 16 f. TCC (Graduação) - Curso de Nutrição, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/257454>. Acesso em: 22 maio 2024.

SILVA, Nathalia Tomazoni; TRAEBERT, Jefferson; PIMENTEL, Bianca; TRAEBERT, Eliane. Consumo de alimentos ultraprocessados e fatores associados em crianças de seis anos de idade. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 28, n. 11, p. 3301-3310, nov. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320232811.16502022>. Acesso em: 22 maio 2024

SOARES, Marcela Martins; RIBEIRO, Andreia Queiroz; PEREIRA, Patrícia Feliciano; FRANCESCHINI, Sylvia Carmo Castro; ARAUJO, Raquel Maria Amaral. Características maternas e infantis correlacionadas com a frequência de consumo de alimentos ultraprocessados por crianças de 6 a 24 meses. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, [S.L.], v. 22, n. 2, p. 365-373, jun. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9304202200020010>. Acesso em: 19 maio 2024.

Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP). Departamento Científico de Aleitamento Materno. Documento Científico. **A importância do aleitamento materno**. 12, 2023.

TOLONI, Maysa Helena de Aguiar; LONGO-SILVA, Giovana; GOULART, Rita Maria Monteiro; TADDEI, José Augusto de Aguiar Carrazedo. Introdução de alimentos industrializados e de alimentos de uso tradicional na dieta de crianças de creches públicas no município de São Paulo. **Revista de Nutrição**, [S.L.], v. 24, n. 1, p. 61-70, fev. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-5273201100010000>. Acesso em: 6 jun. 2024.

Apêndice

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: intitulada “Introdução de alimentos ultra-processados em crianças entre 6 a 24 meses”.

Para participar da pesquisa é necessário ser maior de 18 anos e ser responsável por uma criança entre 6 a 24 meses.

Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o (a) pesquisador (a) responsável através do e-mail: tccnutrikids@gmail.com

O objetivo desse projeto é analisar o consumo de alimentos ultraprocessados em crianças entre 6 a 24 meses e investigar as questões que intensificam esse padrão de comportamento. Você responderá a perguntas de caráter alternativo e não terá nenhum procedimento além.

Você é livre para recusar-se a participar ou interromper a participação a qualquer momento, sendo sua participação voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.

Os pesquisadores irão tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e todos os dados coletados servirão apenas para fins de pesquisa. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, clique em continuar para seguir respondendo o formulário

Continuar () Não desejo participar ()

Perguntas Socioeconômicas e Demográficas

TODAS AS PERGUNTAS DEVEM SER RESPONDIDAS COM BASE NOS DADOS DOS RESPONSÁVEIS PELA ALIMENTAÇÃO DA CRIANÇA!

Escolaridade do responsável:

Ensino fundamental incompleto ()

Ensino fundamental completo ()

Ensino médio incompleto ()

Ensino médio completo ()

Ensino superior ()

Analfabeto/Nenhuma das opções ()

Idade do responsável (em anos)

Entre 18 e 25 anos ()

Entre 26 e 44 anos ()

45 anos ou mais ()

Renda do responsável pela alimentação da criança em salários mínimos:

Renda baixa: até 1,5 salários mínimos (Até 2118,00) ()

Renda média: de 1,5 a 3 salários mínimos (R\$2118,00 a R\$4236,00) ()

Renda alta: mais de 3 salários mínimos (acima de R\$4236,00) ()

O responsável da criança trabalha fora do lar?

Sim ()

Não ()

Idade da criança

6 meses a 1 ano ()

1 ano a 1 ano e 6 meses ()

1 ano e 6 meses até 2 anos ()

A criança possui acesso a TV/Internet?

Sim ()

Não ()

Sobre a amamentação exclusiva, a criança

Parou de ser amamentada antes dos 6 meses ()

Parou de ser amamentada depois dos 6 meses ()

Ainda é amamentada()

O responsável possui orientação sobre alimentação complementar?

(A alimentação complementar trata-se de um complemento ao leite materno, ou seja, são introduzidos alimentos que fornecerão nutrição ao bebê junto com a amamentação).

Sim ()

Não ()

Questionário de frequência alimentar

Em relação a frequência no qual a criança tem contato com os seguintes alimentos, assinale:

Alimento	Mais de uma vez na semana	1 vez na semana	1 vez no mês	Nunca
Bolacha recheada	()	()	()	()
Refrigerante	()	()	()	()
Danoninho	()	()	()	()
Salgadinhos	()	()	()	()
Suco artificial	()	()	()	()
Biscoito	()	()	()	()

Macarrão Instantâneo	()	()	()	()
Papinhas prontas	()	()	()	()
Embutidos	()	()	()	()
Chocolate	()	()	()	()
Balas e pirulitos	()	()	()	()